



CENTRO, DIÁLOGO ABERTO

CENTRO, DIÁLOGO ABERTO

Dia 1, Palestras

- 08 Fernando de Mello Franco
- 10 Helle Søholt
- 12 David Sim

Dia 2, Workshop

- 14 Metodologia
- 16 Etapa 1: Problemas e Potenciais
- 22 Etapa 2: 12 critérios para a qualidade do espaço público
- 40 Etapa 3: Propostas para onze espaços públicos do Centro

Dia 3, Avaliação dos técnicos

- 56 Avaliação dos técnicos
- 62 Considerações finais

DIÁLOGO ABERTO

O Centro de São Paulo é o espaço privilegiado de representação da metrópole e dos que nela habitam. E como a somatória das pessoas é diversa e contraditória, é importante se estabelecer um amplo diálogo para se pactuar uma medida comum necessária para se delinear as transformações desejadas.

Um diálogo aberto a favor da requalificação do Centro está inaugurado. Esse diálogo se expressará em projeto, e o projeto será testado por intervenções concretas nesse território singular da cidade.

Vamos incentivar a sua ocupação e o seu uso. Vamos observar as ações e as reações das pessoas. Vamos refletir sobre as formas da população significá-lo e ressignificá-lo. Vamos transformar espaços públicos em lugares ativados para, e pela, vida cotidiana daqueles que querem usufruir da cidade.

CONVIVER NO CENTRO

A organização desse seminário, demonstra o compromisso da administração municipal com o Centro da cidade. Este é um momento muito importante para refletirmos sobre os próximos passos da atuação do poder público nessa região.

A área central da cidade sofreu, ao longo de praticamente todo o século XX, um processo de desvalorização simbólica, de estagnação imobiliária e de degradação de suas condições ambientais. Esse processo foi a contraface do surgimento de novas geografias com funções de centralidade, no rastro do deslocamento geográfico das classes de mais alta renda.

Fundamentalmente as principais e mais consequentes iniciativas de recuperação do Centro têm ocorrido por iniciativa das gestões comprometidas com os anseios populares e democráticos.

Requalificar as áreas centrais constitui um desafio e uma grande necessidade, imbuída de um inegável sentido democrático. A própria geografia do Centro envolve conceitualmente a noção de equidistância entre as diferentes regiões e as diferentes classes sociais na cidade.

É característica do Centro de São Paulo deste início do terceiro milênio ser um espaço de passagem e não um espaço de estar que convide à convivência e ao desfrute de seu potencial histórico. É preciso viver o Centro e fazer parte dele. A apropriação e identificação da população cidadina com o Centro da cidade passam necessariamente pelo estabelecimento de espaços públicos agradáveis e desfrutáveis. É nesse sentido que o plano de requalificação das áreas pedestrializadas é de fundamental importância para transformação deste espaço em um ambiente mais humano e com qualidade de vida.

RESSIGNIFICAR O CENTRO

O Centro de São Paulo tem muita vida, cabe a Administração Municipal pensar a dinamização de suas funções, em um contexto de rápido crescimento da cidade. É essencial redefinir seus significados e qualificar este espaço urbano imprescindível para a vida dos paulistanos e paulistanas. São Paulo é caracterizada pelo esforço de seus trabalhadores, pela sua ativa vida noturna, uma cidade que não pára. O centro é vital para a cultura da metrópole. Urge ressignificá-lo, trazer à luz suas novas potencialidades e desenvolver um ambiente mais humano para todos.

APRESENTAÇÃO

Ao longo das últimas três décadas muitos foram os planos, projetos e propostas para recuperar o espaço mais repleto de significação da cidade, que é o Centro. Importante pela história e pela memória que incorpora, pelo valor das lembranças, pela significação de quem trabalha, estuda ou simplesmente passeia por esta importante região da cidade. Planos e propostas que não conseguiram alcançar seus objetivos pelo simples fato de que não priorizaram aquilo que de mais importante se tem por aqui: as pessoas e a maneira como elas do Centro se utilizam!

A discussão que se coloca em destaque é de como criar uma nova significação do Centro para a população de São Paulo, das mais variadas origens, e que tem por destino este importante lugar. O diálogo que se inicia nas próximas páginas objetiva construir um Centro mais democrático, solidário, acolhedor e vivo. Um Centro que seja digno de sua história recente e do processo de construção de nossa cidade. E que seja coletivo o suficiente para ouvir seus habitantes e usuários para que, em conjunto com técnicos, especialistas, gestores e interessados, (re)significar o coração de São Paulo.

Em conjunto com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e a Subprefeitura da Sé, a São Paulo Urbanismo tem o importante desafio de colaborar no processo de transformação da região através desta primeira discussão, focada na qualidade dos espaços públicos de convivência da população. Estabelecendo uma referencia para se avaliar a qualidade de questões aparentemente simples como a proteção, o conforto e o prazer de se utilizar da cidade, em especial de seus espaços públicos. O que veremos a seguir é o esforço concentrado e coordenado de diferentes agentes da sociedade, sejam técnicos do serviço público, especialistas, moradores, estudantes ou admiradores do Centro, em juntos estabelecermos uma pauta comum para a São Paulo. Bem vindos!



PALESTRAS

O projeto **Centro, Diálogo Aberto** foi inaugurado entre os dias 17 e 19 de abril de 2013 em sessão aberta para debater com a sociedade os espaços públicos do Centro de São Paulo. Os trabalhos tiveram início com uma palestra na sede da Prefeitura com a presença de representantes da sociedade civil e diversos setores da administração pública. A mesa foi composta pelo Secretário de Desenvolvimento Urbano, Fernando de Mello Franco; o Subprefeito da Sé, Marcos Barreto; Secretário de Cultura, Juca Ferreira; Diretor de Desenvolvimento da São Paulo Urbanismo, Gustavo Partezani Rodrigues e os convidados do escritório Gehl Architects, os arquitetos Helle Søholt e David Sim.



Walter Firmo



Eduardo Aquino

CAMPO COMPARTILHADO

A requalificação da área central é uma das metas prioritárias dessa administração. Ação que se inicia com esse seminário, cuja importância é tornar público e participativo o processo de elaboração de diretrizes que vão incidir diretamente sobre a transformação desse território.

A primeira etapa é estabelecer um plano diretor que trace os caminhos pelos quais o processo de requalificação vai se seguir e, a partir de então, priorizar projetos e ações a serem realizadas por essa gestão.

O Centro da metrópole de São Paulo é um setor privilegiado. A ampla oferta de empregos, a pujante dinâmica do comércio popular e especializado, o amplo serviço de transporte público, a presença dos órgãos de governo, a memória do patrimônio

histórico, a ampla oferta de equipamentos culturais e de espaços públicos, juntos, o singularizam.

Os projetos que queremos promover não buscam construir novos espaços, mas, acima de tudo, transformar as estruturas preexistentes. O foco é renovar as suas formas de uso, ressignificar o espaço público em lugar onde se potencialize o domínio público.

O Centro é o espaço de representação de toda a sociedade, o que o faz ser um campo compartilhado. E, como tal, o Centro se caracteriza por ser um campo de conflito. Pensar e agir sobre a transformação da área central de São Paulo exige enfrentar o campo de projeto como um campo de negociação dos conflitos, onde a coexistência pacífica

Para pensar a transformação da área central de São Paulo é necessário enfrentar o campo de projeto como um campo de negociação dos conflitos

*Fernando de Mello Franco
Secretário Municipal de
Desenvolvimento Urbano*

se torne não apenas possível, mas sobretudo desejável.

Palavras, traços e desenhos podem expressar os pactos firmados pelo processo de projeto. Mas não nos parece, ainda, serem suficientes. É necessário munir-se de estratégias e táticas precisas.

A ideia de termos a cooperação do arquiteto Jan Gehl na condução desse processo nos encantou em função da metodologia usualmente praticada por ele. Sua proposta de trabalho visa reunir a população usuária do Centro, poder público e projetistas em um processo colaborativo e participativo. Juntos, escutaremos, debateremos e proporemos hipóteses para o Centro. Mas iremos além do desenho. Seleccionaremos três intervenções es-

tratégicas que serão transformadas em projetos piloto. Provisoriamente, serão construídos para serem testados pelo uso efetivo e ativo da população. Testar projetos em escala 1:1 não é usual em urbanismo. O usual é se elaborar reduzidas maquetes, que acostumamos a olhar por cima, de forma impessoal e impenetrável.

Vamos ensaiar agora uma outra forma possível de se fazer. Vamos poder vivenciar as transformações imaginadas. E então torná-las permanentes. Até que no futuro outras formas de uso ainda inimaginadas as ressignifiquem, mais uma vez, de novo.



CIDADES PARA PESSOAS

Desde a década de 1960, o arquiteto Jan Gehl estuda a relação das pessoas com os espaços públicos e há treze anos esse escritório busca formas de colocar em prática tal conhecimento através de processos colaborativos.

Os maiores problemas das cidades identificados também pela *London School of Economics* são: o transporte, a governança, o crescimento da população e as finanças, sendo as pessoas o denominador comum desses problemas. Portanto é muito importante pensar a cidade a partir desta perspectiva, projetar a cidade para que sua estrutura possa apoiar a vida e cultura das pessoas.

O espaço público tem um papel fundamental na vida da nossa sociedade é o local onde nos encontramos com os outros, compartilhamos experiências e partilharmos da mesma

cidade. A qualidade desse espaço está relacionada não apenas a estética, ao projeto e ao desenho, mas fundamentalmente à sensação de proteção, conforto e prazer.

É preciso pensar as cidades do século XXI a partir da perspectiva das pessoas, de maneira holística e multidisciplinar, mudar o modelo de negócios e ter uma visão muito forte de como queremos que a cidade seja no futuro para direcionar muitas pessoas de acordo com ela.

A beleza da cidade está na sua capacidade de acolher diretrizes que norteiem diversos planos e projetos simultaneamente.

A metodologia *Gehl*, foca primeiramente na vida e na cidade que se deseja para o futuro, depois pensa no espaço e em como organizá-lo para ter esse tipo de vida e cidade,



para então pensar nas construções e nos tipos de funções, programas e atividades, e por fim na arquitetura necessária para amparar essa vida e essa cidade.

Mapear as pessoas, o número de pedestres e suas atividades para que de forma política possa-se traçar o equilíbrio do uso das ruas é um processo simples, mas tendemos a discutir o desenho e esquecemos de pensar em como as pessoas usam o espaço público, a arquitetura dos prédios e a cidade.

Medir o capital social, a diversidade cultural da cidade, a tolerância, segurança e acessibilidade são outros aspectos importantes.

Enfim, projetar a cidade para que naturalmente as pessoas façam o que é bom para elas e para a cidade.

Mapear as pessoas, o número de pedestres e suas atividades, para que de forma política possa-se traçar o equilíbrio do uso das ruas é um processo simples, mas tendemos a discutir o desenho e esquecemos de pensar em como as pessoas usam o espaço público, a arquitetura dos prédios e a cidade

Helle Søholt
Arquiteta



A VIDA NA ALTURA DO OLHAR

Para iniciarmos gostaria que vocês se levantassem. Olhem para a pessoa que está ao seu lado e sorria; diga olá. Muito bem, podemos nos sentar agora. Eu só gostaria de lembrá-los como é bom ser um ser humano.

Eu e Helle somos entusiastas por São Paulo, vocês paulistanos são receptivos, animados e aproveitam à vida e juntos, nós temos o desafio de trazer essa consciência para o Centro da cidade e para tanto precisamos compreender quais são as características que tornam um ambiente agradável para o ser humano.

À parte das nossas nacionalidades, a forma como utilizamos os espaços públicos é a mesma, afinal somos todos seres humanos que caminhamos buscando oportunidades, coisas interessantes e estimulantes.

A coisa mais importante é que ao caminhar olhamos para baixo, aonde pisamos e, portanto não é difícil dizer que a maior experiência que podemos ter em uma cidade é o chão.

Vivemos a nossa vida em três metros de altura, é na altura do olhar que experienciamos as mesmas coisas, que podemos ver os detalhes, que compartilhamos nossas experiências e que naturalmente somos atraídos por outras pessoas.

A compreensão da natureza humana é um tema do qual os comerciantes são bons conhecedores. Eles levantam as frutas e os vegetais na altura do rosto dos clientes, na altura do sistema central, para que eles possam tocar os tomates e sentir o cheiro das laranjas.

O barulho de água corrente é outro elemento muito positivo que



Hoje para ser uma cidade mundial é necessário que se tenha bons índices de habitabilidade. Melhorar a vida do dia a dia. Esse é o nosso convite!

David Sim
Arquiteto

inconscientemente nos remete a sobrevivência e em uma cidade com demasiado trânsito esse pode ser um artifício divertido e cativante para amenizar a poluição sonora.

Portanto, podemos dizer que todos os elementos citados acima, em conjunto, são capazes de transformar a qualidade de vida dos habitantes de uma cidade, onde atualmente um dos maiores desafios e justamente a conquista de um espaço capaz de oferecer a população uma saúde física e mental, proporcionando o contato com o ar fresco, o encontro com as pessoas e a atividade física ao ar livre.

Não podemos nos esquecer de que, quando investimos em infraestrutura na cidade, investimos diretamente na qualidade de vida dos seus moradores. Então, qual é a cidade que

queremos para o nosso futuro? Há bons exemplos de cidades que foram capazes de mudar a cultura do uso do espaço público e Melbourne é uma delas, hoje inclusive é a cidade número um no índice de habitabilidade.

Entende por habitabilidade o conjunto de condições que um lugar possui que o torna habitável, entre essas condições estão o conforto térmico, umidade, ruído, ventilação, ar fresco, odores, iluminação e salubridade.

Não há dúvida quanto à relação direta entre a economia e o índice de habitabilidade e hoje para ser uma cidade mundial é necessário que se tenha bons índices de habitabilidade.

Melhorar a vida do dia a dia. Esse é o nosso convite!



WORKSHOP

No segundo dia foi realizado um workshop na Secretaria de Desenvolvimento Urbano com o objetivo de pensar os espaços públicos do Centro. Participaram do trabalho arquitetos e urbanistas (profissionais e estudantes), representantes da sociedade civil, técnicos de diversos setores da administração pública e profissionais da SMDU e da São Paulo Urbanismo.

Buscou-se através da metodologia adotada estimular um processo de trabalho efetivamente participativo e colaborativo, respeitando a heterogeneidade das equipes e nivelando os especialistas de cada área aos demais participantes. Divididos em onze equipes multidisciplinares, os participantes analisaram e levantaram hipóteses de transformação para espaços públicos estratégicos da área central.

Ao término de cada etapa os resultados eram compartilhados sobre um grande mapa da área central.

O workshop foi dividido em três etapas: 1. Identificação de problemas e potencialidades da área central; 2. Avaliação em campo dos espaços públicos estudados; 3. Levantamento de hipóteses de transformação. Ao término de cada etapa os resultados obtidos pelos grupos eram compartilhados sobre um grande mapa da área central. No terceiro dia, os técnicos da SMDU e SP-Urbanismo concluíram o processo com uma etapa de avaliação do material produzido.

An aerial photograph of a city grid is shown. A person's hand, wearing a blue sleeve, is pointing at a specific location on the map. Several colorful sticky notes (pink, green, and yellow) are placed on the map, marking various areas. The map shows a mix of urban buildings, green spaces, and a river or canal. The overall scene suggests a collaborative planning or analysis session.

ETAPA 1 PROBLEMAS E POTENCIAIS

A etapa inicial do workshop foi destinada à identificação de “problemas” e “potenciais” da área central, apresentados em *post-its* de duas cores: cor-de-rosa e verde, respectivamente. Um dos principais objetivos foi estimular que os desafios e as oportunidades encontrados no Centro fossem apontados de forma despreocupada, respeitando a heterogeneidade das equipes e igualando os especialistas de cada área aos demais participantes. Este nivelamento momentâneo é importante para garantir que todos possam participar efetivamente do processo.

problemas

potenciais

ETAPA 1

Nesta etapa foram distribuídos *post-its* em duas cores: cor-de-rosa e verde. Os participantes organizaram-se em grupos multidisciplinares e debateram sobre a área central como um todo, territorializando, quando possível, as questões levantadas sobre um mapa fornecido a cada grupo.

Sobre as etiquetas deveriam ser indicados, de forma sucinta, os principais problemas (cor-de-rosa) e potencialidades (verde) do Centro. Um dos principais objetivos foi estimular que os desafios e as oportunidades encontrados fossem apontados de forma despreziosa, respeitando a heterogeneidade das equipes e igua-

lando os especialistas de cada área aos demais participantes. Dessa forma, cada grupo construiu em forma de *brainstorm* um conjunto de apontamentos sobre a área central.

Após as discussões internas, cada equipe selecionou internamente três problemas e três potencialidades julgadas como as mais importantes. Os resultados dessa seleção foram compartilhados sobre o grande mapa e debatidos. Os participantes foram encorajados a intervir nas falas em caso de divergência. Em conclusão, foram indicadas as questões mais recorrentes entre os diversos grupos, destacados nas páginas a seguir.





equipamentos culturais

galerias do Centro novo

diversidade social - econômica - cultural

esvaziamento à noite e finais de semana

cultura

conflitos de circulação

edifícios vazios

cultura do medo

carros



ETAPA 2 12 CRITÉRIOS PARA A QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO

Onze lugares selecionados foram analisados pelos grupos com base na metodologia proposta: 12 critérios para a qualidade dos espaços públicos. Cada critério foi avaliado *in loco* pelos participantes e qualificado com o desenho de um sorriso (feliz, indiferente ou triste). Esta linguagem sintética permite fácil comunicação e comparação das avaliações. Alguns aspectos foram avaliados positivamente, como a qualidade do ambiente construído e sua adequação à escala humana, por outro lado, os lugares foram avaliados, em geral, como pouco convidativos à permanência.



12 CRITÉRIOS PARA A QUALIDADE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

A segunda etapa do workshop envolveu uma saída a campo. Cada grupo ficou responsável por visitar um espaço público localizado da área central e avaliá-lo segundo a metodologia proposta. Foi pedido que cada participante avaliasse o lugar indicado baseando-se em uma ficha que definiu 12 critérios para a qualidade dos espaços públicos.

Os 12 critérios são agrupados em três grandes categorias: proteção, conforto e prazer. Os aspectos relacionados à primeira categoria estão ligados à percepção de proteção: contra o trânsito de veículos, crime e violência e experiências sensoriais negativas. Aspectos qualitativos do lugar (suporte físico e apropriações) foram avaliados em seis critérios da categoria "Conforto": se é convidativo para caminhar, estar, sentar e

ficar; e sobre seus usos e formas de apropriação. Por fim, o ambiente (aspectos do clima e conjunto construído) e sua influência sobre o espaço público eram avaliados na categoria "Prazer": adequação à escala humana, qualidade estética do conjunto edificado e aspectos climáticos.

A avaliação foi feita individualmente de acordo com cada um desses critérios, qualificados com o desenho de um sorriso (feliz, indiferente ou triste). Esta linguagem sintética permite fácil comunicação do levantamento e comparação dos resultados.

Ao final da saída a campo, já de volta ao Ed. Martinelli, os grupos condensaram as avaliações em uma ficha única e os onze trabalhos foram apresentados e registrados em um *flip chart*. Os resultados da Etapa 2 estão relacionados nas páginas a seguir.

PROTEÇÃO

Proteção contra o trânsito motorizado

- Acidentes de trânsito
- Poluição, fumaça, barulho
- Visibilidade

Proteção contra Crime e violência

- Bem iluminado
- Permite vigilância passiva
- Intercala usos no espaço e no tempo

Proteção contra experiências sensoriais negativas

- Vento
- Chuva
- Frio / calor
- Poluição
- Poeira, excesso de luz, barulho

CONFORTO

Convidativo para caminhar

- Espaço para caminhar
- Acessibilidade às áreas chave
- Fachadas interessantes
- Sem obstáculos
- Superfícies de qualidade

Convidativo para parar/ ficar

- Limites atrativos e funcionais
- Espaços definidos para ficar
- Objetos para se apoiar e ficar próximo

Convidativo para sentar

- Zonas definidas para sentar
- Maximizar as vantagens
- Vista agradável, oportunidades para ver as pessoas
- Boa mistura entre espaços para sentar gratuitos e pagos
- Oportunidades para descansar

Contato Visual

- Maneiras coerentes de encontrar o caminho
- Paisagens Interessantes
- Iluminação noturna

Contato Visual e Auditivo

- Ambiente com pouco barulho ambiente

Atividades diurnas/noturnas

- Cidade 24 horas
 - Funções ao longo do dia
 - Uso misto
 - Iluminação na escala humana
- ### Variação ao longo do ano
- Atividades temporárias (Festa Junina, Carnaval, Natal)
 - Proteção Extra para condições climáticas desagradáveis

Atividades Lúdicas, Recreativas e Interação

- Permitir atividade física interação, diversão e brincadeiras
- Atividades Opcionais (descansar, reuniões informais)
- Criação de oportunidades de interação no espaço público

PRAZER

Construído na Escala Humana

- As dimensões dos prédios e do espaço respeita a importância das dimensões humanas no que se refere aos sentidos, movimentos, tamanho e comportamento

Aspectos Positivos do Clima

- Sol / sombra
- Conforto climático
- Brisa / vento

Estético e Sensorial

- Design de qualidade, detalhes bem cuidados e materiais resistentes
- Vista
- Experiências sensoriais ricas

1. Largo de São Francisco
2. Caixa Cultural / Praça da Sé
3. R. Boa Vista x R. General Carneiro
4. Lad. Porto Geral x R. 25 de Março
5. Viaduto Santa Ifigênia
6. Viaduto do Chá
7. Vale do Anhangabaú x Av. São João
8. Largo do Paissandú
9. Rua Barão de Itapetininga
10. Rua Basílio da Gama
11. Galerias do Centro Novo





GRUPO 01
LARGO DE SÃO FRANCISCO

Lucas Fehr, Professor Mackenzie
 Núria Pardillos Vieira, SMDU
 Fabiane Sakai To, estudante Mackenzie
 Vitor Daher, estudante Mackenzie

PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO			
	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação
PRAZER			
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial



GRUPO 02
CAIXA CULTURAL / PRAÇA DA SÉ

André Kwak, SP-Urbanismo
 Lucas Ferreira, estudante Mackenzie
 Mayara Cristina Ribeiro, estudante USJT

PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO			
	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação
PRAZER			
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial



GRUPO 03
RUA BOA VISTA X
RUA GENERAL CARNEIRO

Adalberto Maluf, C40
 Cyro Biderman, SPTrans
 Marcelo Ursini, Professor SENAC

PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação
PRAZER			
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial



GRUPO 04
LADEIRA PORTO GERAL
X RUA 25 DE MARÇO

Caio Boucinhas, Professor FMU
 Luís Brettas, SP-Urbanismo
 Marco Antônio de Almeida, Viva o Centro
 Marise Vianna, Metrô
 Sergio Abraão, SMC
 Guilherme Minarelli, estudante FAUUSP

PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação
PRAZER			
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial



GRUPO 05
VIADUTO SANTA IFIGÊNIA

Flávia Cancian, SP-Urbanismo
 Karlos Rupf, estudante FAUUSP
 Maria Claudia Levy, SP-Urbanismo
 Tácito Pio da Silveira, SPTrans
 Taís Balleiro, Ciclocidade
 Lucas Bueno, estudante Mackenzie
 Luciane Tomiyaso, estudante Mackenzie

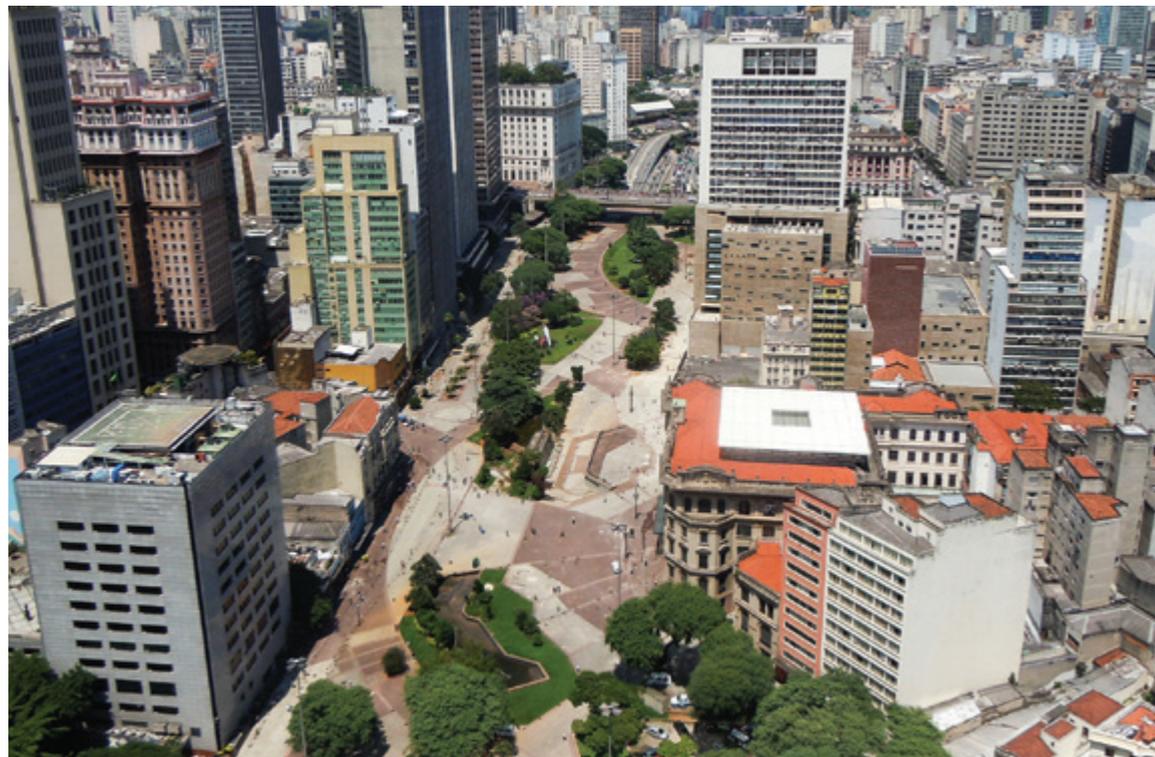
PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial



GRUPO 06
VIADUTO DO CHÁ

Luís Ramos, SMDU
 Silvio Sguizzardi, Professor SENAC
 Vinicius Langer Greter

PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial



GRUPO 07
VALE DO ANHANGABAÚ

Eneida Heck, SP-Urbanismo
Juliana Aguiar, Luz Urbana
Maria Ermelina Malatesta, CET
Tais Tsukuhro, FMU
Tássia Botti Bozza, SMDU

PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
PRAZER			
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial
CONFORTO	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação



GRUPO 08
LARGO PAISSANDU

Anna Barros, SP-Urbanismo
Daniel Maeda, arquiteto
Hilda Mitiko Iuamoto, CONVIAS
Natália Garcia, Blog Cidades Para Pessoas
Ronaldo Tonobohn, CET

PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
PRAZER			
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial
CONFORTO	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação



GRUPO 09
RUA BARÃO DE ITAPETININGA

Carlos Alberto Angeli, CET
Daniela Facchini, EMBARQ Brasil
Eduardo Carvalho, SP-Urbanismo
Higor Carvalho, SP-Urbanismo
Luc Nadal, ITDP
Sílvia Amar Forato, Subprefeitura da Sé

PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO			
	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial



GRUPO 10
R. BASÍLIO DA GAMA / PÇA. D. JOSÉ GASPAR

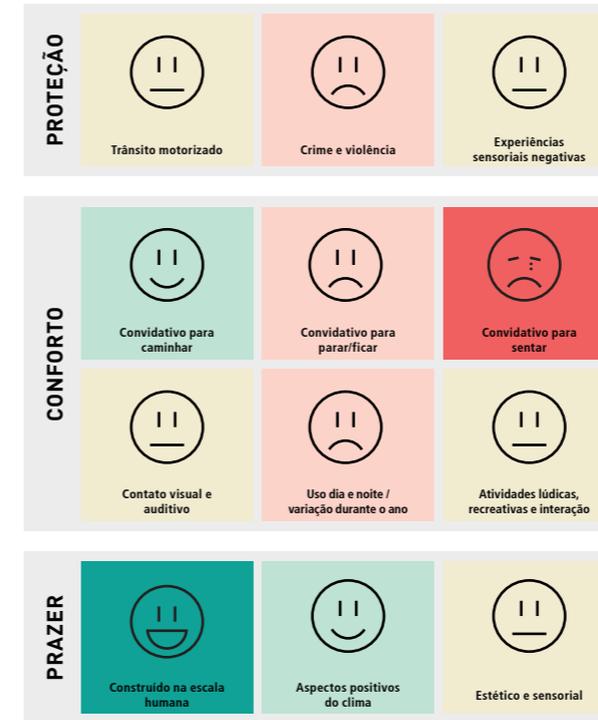
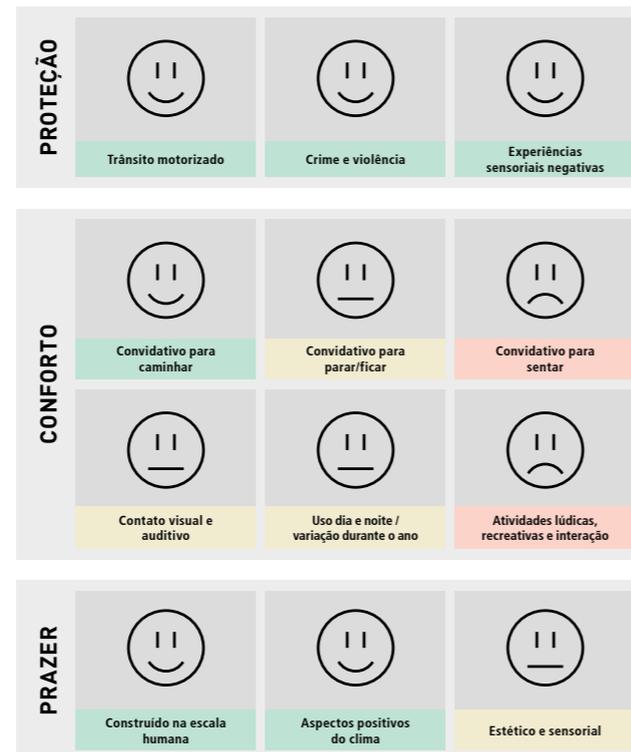
Andrea Tourinho, SP-Urbanismo
Helena Orenstein, ITDP
Olga Hypolit, SEHAB
Patrícia Lutz, SP-Urbanismo
Sandra Llovet, arquiteta
Susete Taborda, SEHAB

PROTEÇÃO			
	Trânsito motorizado	Crime e violência	Experiências sensoriais negativas
CONFORTO			
	Convidativo para caminhar	Convidativo para parar/ficar	Convidativo para sentar
	Contato visual e auditivo	Uso dia e noite / variação durante o ano	Atividades lúdicas, recreativas e interação
	Construído na escala humana	Aspectos positivos do clima	Estético e sensorial



GRUPO 11 GALERIAS DO CENTRO NOVO

André Andreis, SP-Urbanismo
Cristina Laiza, SP-Urbanismo
Eduardo Daros, ABRAPE
Harmi Takiya, SP-Urbanismo
Jéssica Soares, SP-Urbanismo
Katia Canova, SP-Urbanismo
Lucélia Moura, CET



RESUMO DOS RESULTADOS

10 dos 11 grupos avaliaram os espaços públicos do Centro como pouco convidativos para sentar...

por outro lado, 9 dos 11 grupos disseram que o conjunto edificado respeita a escala humana

Cruzamos os resultados obtidos pelos grupos a fim de delinear uma visão geral sobre a situação atual dos espaços públicos do Centro. Apesar de não ter rigor científico, o levantamento realizado oferece subsídios importantes para a atuação na área central.

O quadro ao lado resume os resultados obtidos. Os principais desafios indicados pelo estudo estão ligados à categoria *proteção*: contra experiências sensoriais negativas e, recorrentemente, contra o crime e a violência. A proteção contra o trânsito motorizado recebeu avaliação mediana, o que não impede que os lugares sejam vistos como convidativos para caminhar.

O mesmo não acontece para "estar/ficar", ou para o "uso noturno". Os dados reforçam algo que já intuimos: os espaços públicos do Centro são lugares por onde essencialmente se passa, mas não amparam a per-

manência. Na categoria *conforto* isso fica evidente quando 10 dos 11 grupos indicaram os lugares como "pouco convidativos para sentar".

Os melhores resultados foram atingidos na categoria *prazer*. Os grupos indicaram que, nos lugares analisados, o conjunto edificado é adequado à escala humana. Foge a essa regra apenas o Vale do Anhangabaú, indicando a necessidade de ações estratégicas para esse local.

Em linhas gerais, a análise dos resultados indica uma perspectiva otimista para o Centro. Os campos da categoria *prazer* são aqueles de maior perenidade e mais difícil mudança, pois estão ligados ao conjunto edificado e ao clima. Em contrapartida, os resultados da categoria *proteção* indicam que há muito trabalho a ser feito nos campos de gestão, manutenção e planejamento estratégico.

ETAPA 3 PROPOSTAS PARA 11 ESPAÇOS PÚBLICOS DO CENTRO

O segundo dia foi concluído com uma etapa propositiva, de debate e projeto. Além de trabalhar com desenhos e croquis, a conformação heterogênea das equipes sugeriu o uso de ferramentas de projeto mais universais como frases, fotografias e colagens, permitindo que todos pudessem participar ativamente desta etapa, independentemente da formação acadêmica. Foram entregues *post-its* em duas cores: azuis para *hardware* e amarelos para *software*. Por *hardware* entendem-se as propostas de intervenção no espaço físico propriamente dito - alterações nas calçadas, supressão de postes, construção de ciclovias etc. Por *software*, as propostas ligadas à programação, uso e gestão - como shows ao ar livre, feiras ou eventos.



hardware

software

PROPOSTAS

Nesta etapa os grupos receberam mapas dos locais que visitaram e iniciaram um trabalho de debate e projeto. Além de desenhos arquitetônicos e croquis, a conformação heterogênea das equipes sugeriu o uso de ferramentas de projeto mais universais, como frases, fotografias e colagens, permitindo que todos pudessem participar ativamente desta etapa, independentemente da formação acadêmica.

Foram entregues *post-its* em duas cores: azuis para *hardware* e amarelos para *software*, aludindo aspectos dos espaços públicos à lógica de funcionamento dos computadores. Por *hardware* entendem-se as propostas de intervenção no espaço físico propriamente dito - alterações nas calçadas, supressão de postes, construção de ciclovias etc. Já as propostas ligadas à programação, uso e gestão - como

shows ao ar livre, feiras ou eventos - são comparadas ao *software*.

Além das propostas descritas nos *post-its* e indicadas sobre o mapa, também foram utilizadas fotografias e colagens para representar as intenções de projeto. Os grupos receberam um conjunto de imagens de espaços públicos bem sucedidos de outras cidades. Selecionaram-se aquelas imagens que representavam um conceito, ou mesmo uma atmosfera julgada como desejável para o lugar estudado. A cada foto estava associado um *post-it*, azul ou amarelo, indicando a intenção/desejo de intervenção/apropriação para o espaço público estudado.

A última atividade do dia foi a apresentação dos trabalhos sobre o grande mapa do Centro. Cada grupo apresentou suas propostas, que foram abertas ao debate.



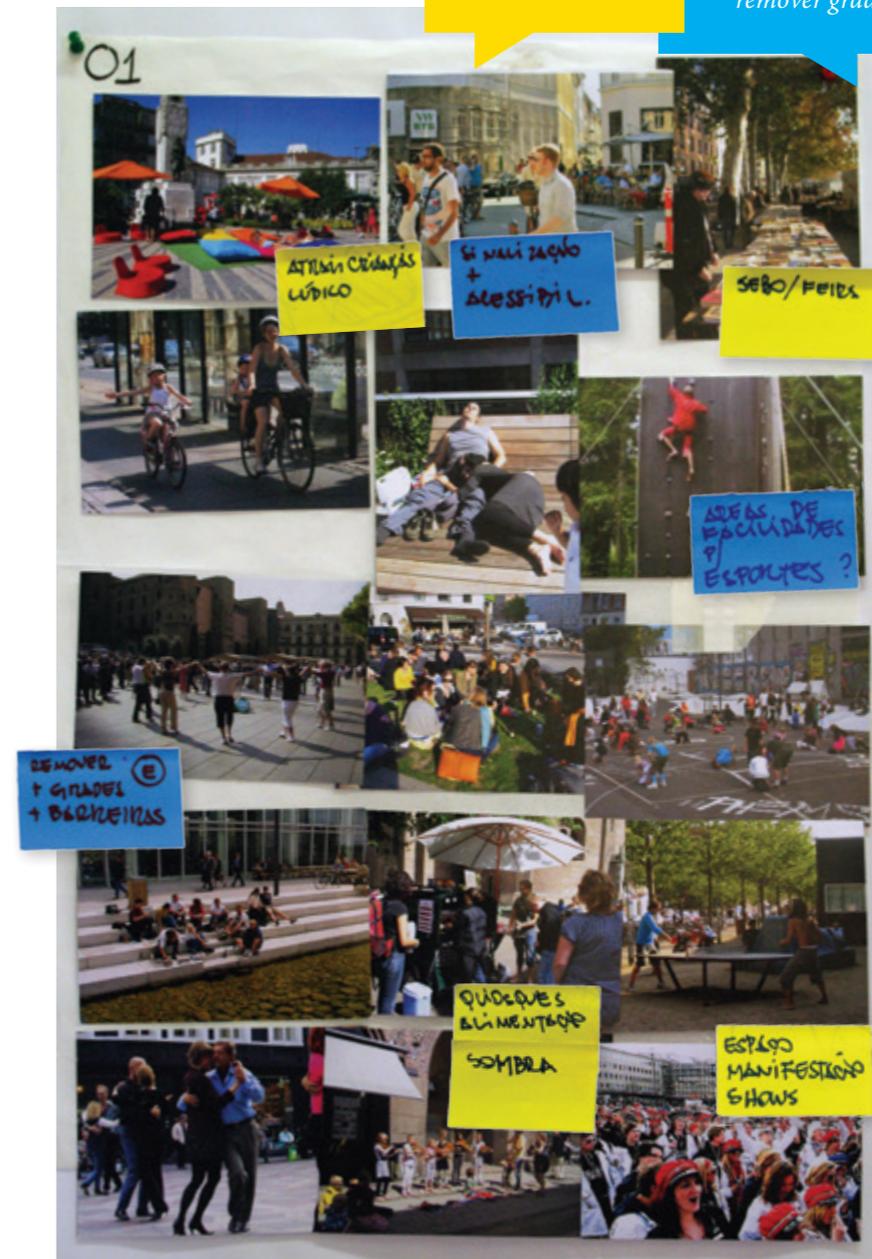


GRUPO 01
LARGO DE SÃO FRANCISCO

Lucas Fehr, Professor Mackenzie
 Núria Pardillos Vieira, SMDU
 Fabiane Sakai To, estudante Mackenzie
 Vitor Daher, estudante Mackenzie

shows e manifestações

remover grades



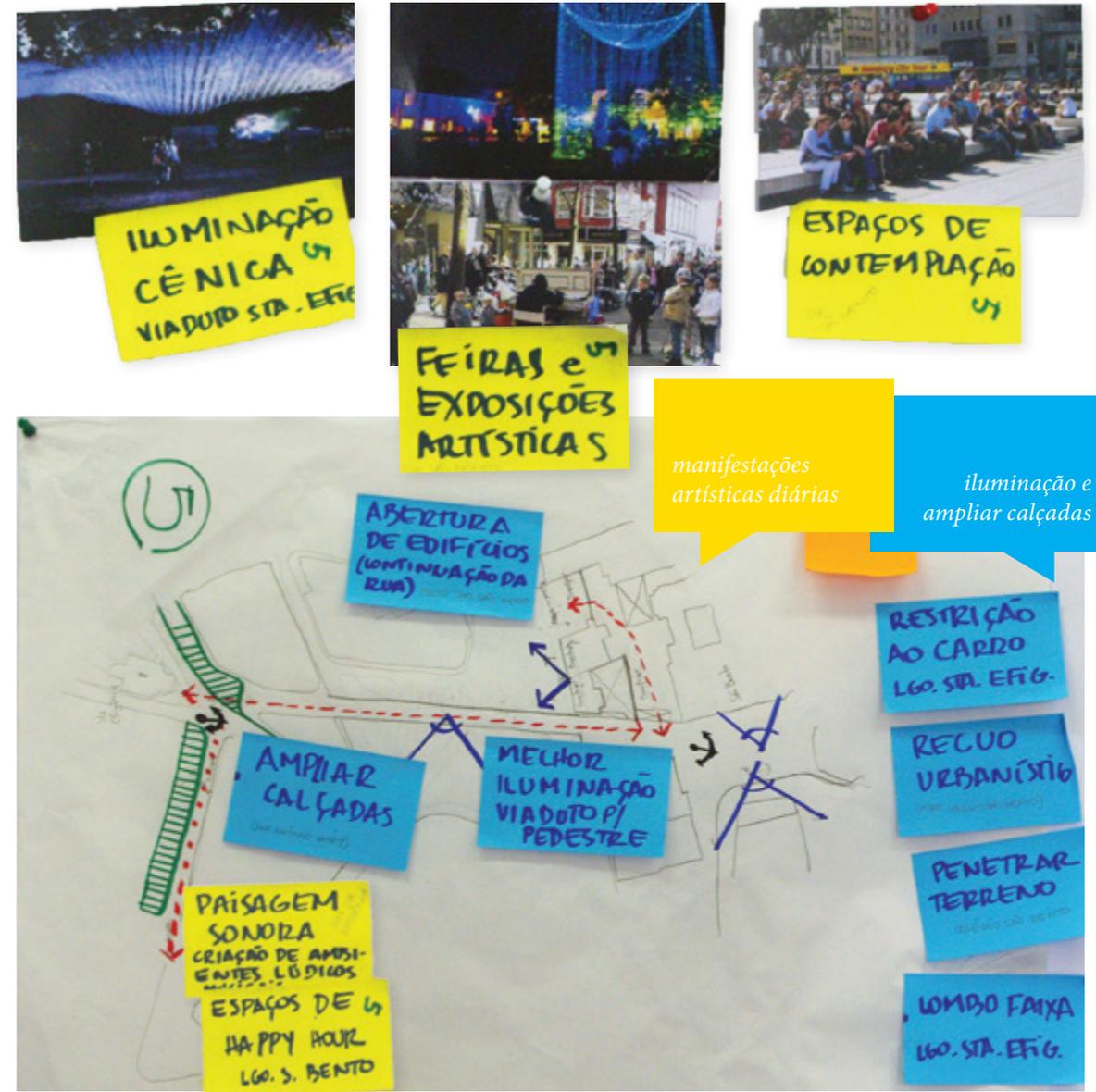
GRUPO 04
**LADEIRA PORTO GERAL
 X RUA 25 DE MARÇO**

Caio Boucinhas, Professor FMU
 Luís Brettas, SP-Urbanismo
 Marco Antônio de Almeida, Viva o Centro
 Marise Vianna, Metrô
 Sergio Abraão, SMC
 Guilherme Minarelli, estudante FAUUSP



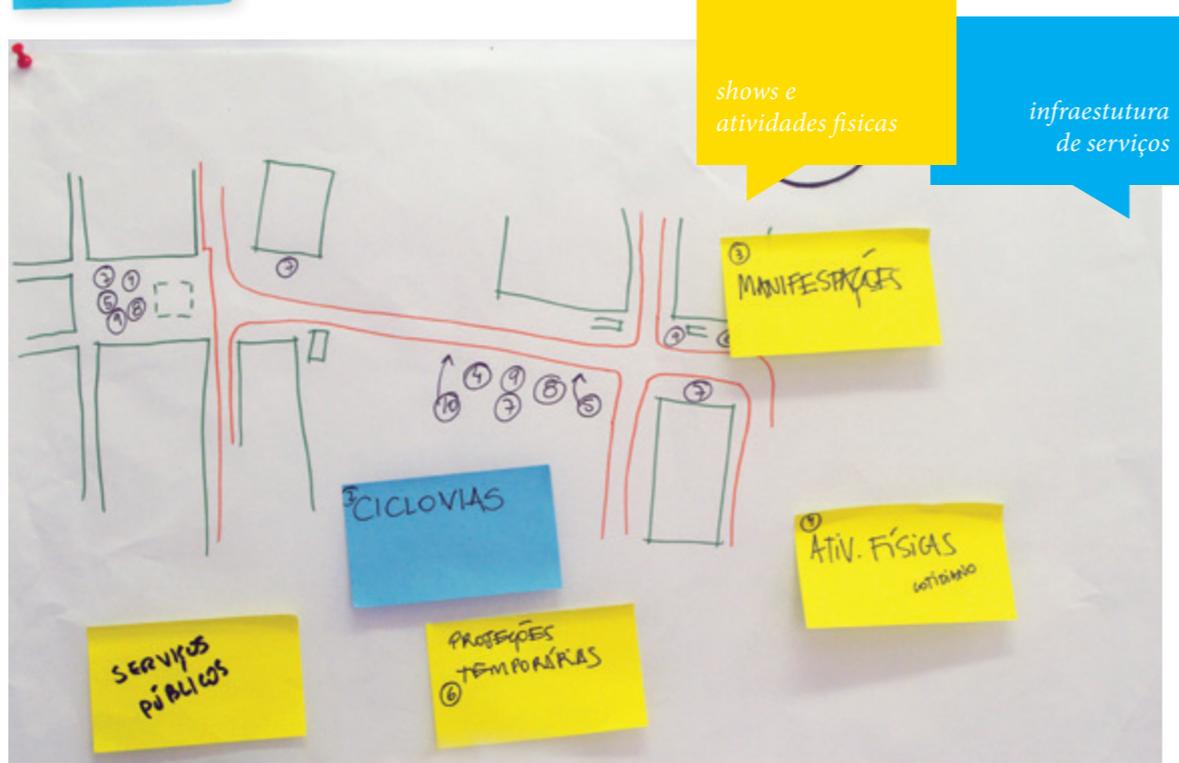
GRUPO 05
VIADUTO SANTA IFIGÊNIA

Flávia Cancian, SP-Urbanismo
 Karlos Rupf, Pós Graduação FAUUSP
 Maria Claudia Levy, SP-Urbanismo
 Tácito Pio da Silveira, SPTrans
 Taís Balieiro, Ciclocidade
 Lucas Bueno, estudante Mackenzie
 Luciane Tomiyaso, estudante Mackenzie



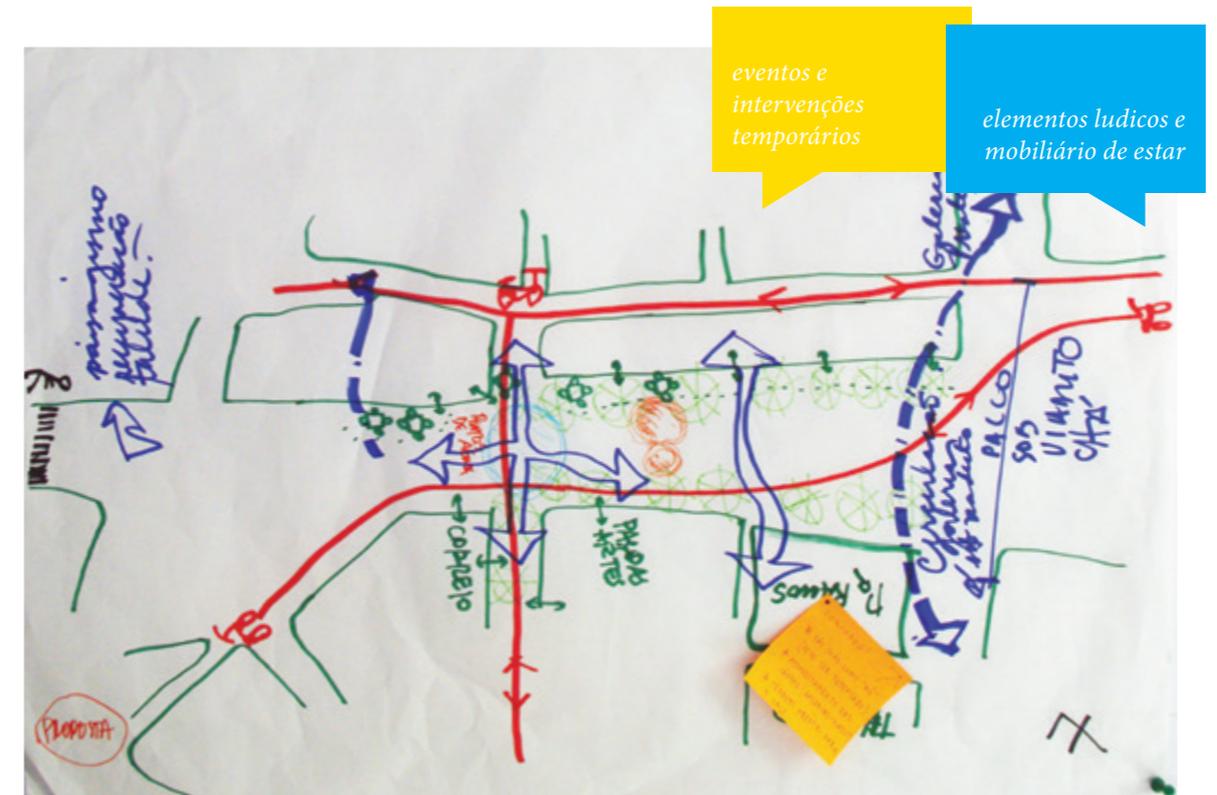
GRUPO 06
VIADUTO DO CHÁ

Luíz Ramos, SMDU
Sílvio Squizzardi, Professor SENAC
Vinicius Langer Greter



GRUPO 07
VALE DO ANHANGABAÚ

Eneida Heck, SP-Urbanismo
Juliana Aguiar, Luz Urbana
Maria Ermelina Malatesta, CET
Tais Tsukuhro, FMU
Tássia Botti Bozza, SMDU



GRUPO 10
**R. BASÍLIO DA GAMA /
 PÇA. D. JOSÉ GASPAR**

Andrea Tourinho, SP-Urbanismo
 Helena Orenstein, ITDP
 Olga Hypolit, SEHAB
 Patricia Lutz Vidigal, SP-Urbanismo
 Sandra Llovet, arquiteta
 Susete Taborda, SEHAB



GRUPO 11
GALERIAS DO CENTRO NOVO

André Andreis, SP-Urbanismo
 Cristina Laiza, SP-Urbanismo
 Eduardo Daros, ABRAPE
 Harmi Takiya, SP-Urbanismo
 Jéssica Soares, SP-Urbanismo
 Katia Canova, SP-Urbanismo
 Lucélia Moura, CET



ILUMINA-
ÇÃO

zônias de
encontro





AVALIAÇÃO DOS TÉCNICOS

O workshop foi concluído no terceiro dia de atividades com um trabalho interno. Os técnicos da São Paulo Urbanismo avaliaram os resultados do dia anterior com o objetivo de selecionar as questões mais relevantes apontadas e de propor novas reflexões. O olhar dos profissionais ajudou a selecionar as contribuições recebidas, inclusive aquelas que apontaram caminhos pouco explorados.

A etapa 1 foi avaliada em um sistema de votação. Sobre os mapas produzidos pelas equipes, que apontavam os *problemas e potenciais* da área central, indicavam-se os mais importantes com pontos marcados a caneta, permitindo identificar os mais relevantes.

Os técnicos envolvidos também receberam blocos de *post-it* laranja para fazer comentários e sugestões

sobre os trabalhos expostos, tanto sobre a etapa de análise quanto os projetos elaborados pelos grupos.

A avaliação foi concluída com um debate realizado ao redor do grande mapa do Centro. Cada profissional pôde fazer considerações sobre temas como o esvaziamento noturno da área central, a questão habitacional, diversificação de uso do solo, mobilidade, iluminação pública etc.

Após as diversas contribuições, foi entregue um *post-it* com formato especial para que cada participante escolhesse um local que lhe fosse significativo, indicando-o como estratégico para receber um projeto específico. Nesta dinâmica houve grande destaque para o Vale do Anhangabaú e o Parque Dom Pedro II, como locais a serem transformados.





Revitalizar os edifícios abandonados provendo habitação, serviço e comércio.

As áreas analisadas têm grande potencial ao uso dos pedestres, entretanto, falta adequá-las para tal.

A área do Terminal / Mercado é hostil aos pedestres e falta uma melhor articulação na escala local, como com o Parque Dom Pedro e o Museu Catavento.

Prover segurança na Praça da República e demais praças.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da metodologia realizada neste trabalho provou, mais do que qualquer outra lição, a urgente necessidade de se promover debates e estabelecer ações coletivas na construção dos instrumentos que irão qualificar os espaços públicos da área central. Espaços que deverão estar aptos a receberem as mais diferentes manifestações, usos ou vontades que cada cidadão tem ao se utilizar de nossa cidade. Diálogo que deve ser estabelecido entre os técnicos, a sociedade organizada, os gestores urbanos e todos aqueles que têm carinho por esta região.

O resultado desta ação, contudo, não deve ser pensada apenas como uma proposta de transformação do espaço, um projeto ou plano que o renove e uma consequente obra de melhoria que o transforme. Não se

trata de entender as pequenas análises e propostas elaboradas de forma preliminar neste caderno, como início definitivo da transformação destes espaços. De fato, o que este processo nos prova é a necessidade de se experimentar as diversas e, por que não, ainda divergentes vocações que o Centro tem, para que possamos em conjunto propor, usar, acessar e concluir quais são as melhores estratégias para se praticar. Entendemos, contudo, que não nos basta intervir no espaço público, deixar a rua bonita, iluminada, a praça limpa e qualificada, a calçada acessível e segura. Isto é parte integrante de um conjunto de ações que devem levar em conta também a qualidade de vida dos moradores, dos visitantes, dos trabalhadores, dos comerciantes, das pessoas que vivem nas ruas do Centro e

aqueles das quais, nas ruas, ganham seu sustento. Somente cuidando da área central, zelando por suas pessoas, infraestrutura e espaços, é que teremos novamente uma região mais democrática e gentil para com todos.

A proposta é de continuarmos o Diálogo Aberto, agora de maneira mais precisa, escolhendo espaços para intervirmos de maneira temporária, experimentando e provando quais as reais necessidades e qualidades em que o Centro pode propiciar. Realizarmos em conjunto, com especialistas e diferentes segmentos da sociedade, uma experimentação de transformação dos espaços públicos centrais, das ruas, calçadas, praças, largos, parques e vales, de modo a revelar à São Paulo, a qualidade e beleza que esta cidade sempre primou em construir.



Todas as fotos e imagens não creditadas são de divulgação, documentação e referências da São Paulo Urbanismo e do Gehl Architects, não podendo ser utilizadas ou reproduzidas sem autorização expressa de seus titulares.

As imagens das pessoas retratadas neste documento são de participantes regularmente inscritos nas atividades e, da mesma maneira, não devem ser utilizadas em qualquer outra publicação sem a autorização expressa do titular e das pessoas retratadas.